

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JULEIDE CATARINA DA SILVA PEREIRA

REFLETINDO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA
PERSPECTIVA DA ESCOLA BILÍNGUE

São Leopoldo

2012

JULEIDE CATARINA DA SILVA PEREIRA

REFLETINDO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA
PERSPECTIVA DA ESCOLA BILÍNGUE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer

Segunda Avaliadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436r Pereira, Juleide Catarina da Silva
Refletindo sobre o papel do professor alfabetizador na perspectiva da escola bilíngue / Juleide Catarina da Silva Pereira ; orientadora Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.
60 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Alfabetização. 2. Educação bilíngue. 3. Tecnologia educacional. 4. Ensino auxiliado por computador. I. Kronbauer, Selenir Corrêa Gonçalves. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JULEIDE CATARINA DA SILVA PEREIRA

REFLETINDO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA
PERSPECTIVA DA ESCOLA BILÍNGUE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Data:

Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer - Mestre em Teologia - Escola Superior
de Teologia

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - Escola Superior de
Teologia

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para que os professores se tornem profissionais reflexivos na prática educativa.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que contribuíram para o meu crescimento, não só profissional, mas também como pessoa.

RESUMO

O objeto de pesquisa deste trabalho é mostrar as possibilidades de conhecer o processo de desenvolvimento de uma proposta de alfabetização, com ênfase no aprendizado bilíngue e a inserção destas na escola na classe de alfabetização. Diante desta realidade, a escola juntamente com os seus professores, deve pensar a alfabetização como processo dinâmico, ampliar o universo de conhecimento, oferecendo formas variadas de aprendizagem sem desconsiderar a sua faixa etária e a influência dos meios tecnológicos para o aprendizado bilíngue.

Palavras-chave: Escola. Alfabetização. Tecnologia. Alfabetização Bilíngue.

ABSTRACT

The research object of this paper is to show the possibilities of knowing the process of developing a proposal for a literacy, with emphasis on learning and inclusion the these school bilingual in the literacy class. Front of this reality, the school with their teachers, should think of literacy as a dynamic process expand the universe of knowledge offering various forms of learning without disregarding their age and the influence of technological means for learning bilingual.

Keywords: School. Literacy. Technology. Bilingual Literacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O INGRESSO NO ENSINO FUNDAMENTAL	12
1.1 Professor alfabetizador.....	21
1.2 Surgimento da escrita.....	24
1.3 Aparecimento de outras Cartilhas	26
1.4 A valorização do social no processo de letramento	29
1.5 Escola como instituição social.....	31
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	33
2.1 Alfabetização Bilíngue	35
2.2 O papel do educador na perspectiva da Alfabetização Bilíngue	38
3 COMPUTADOR E O PROCESSO DE MUDANÇA NA ALFABETIZAÇÃO: O USO DO COMPUTADOR NA ESCOLA COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	41
3.1 Nativos digitais	44
4 REFLETINDO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA PERSPECTIVA BILÍNGUE	46
4.1. A formação de um professor bilíngue.....	47
4.2 Dois idiomas na mesma escola	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Como espaço sociocultural, a escola tem uma função social e seu compromisso é o de possibilitar ações educativas que promovam a construção da cidadania e a formação humana. Neste aspecto, os educadores são responsáveis por transformações na vida das crianças. Entre elas a troca de ambiente, a integração com novos colegas e os desafios constantes pelos quais os alunos dos anos iniciais passarão tentando buscar o seu próprio espaço. Essas transformações na vida das crianças deverão estar sendo acompanhadas pela equipe pedagógica da escola.

Para o pesquisador Jose Mario Pires Azanha:

Um problema “nacional” como um problema governamental, só existe a partir de uma percepção coletiva. Nesses termos, não seria suficiente para afirmar a existência de um problema nacional apenas a consciência crítica de alguns homens em face da realidade.¹

A alfabetização é um assunto questionado por ser um período importante para o desenvolvimento escolar da criança. Os profissionais que se envolvem com o referido tema, sua qualidade, qualificação, preparação de profissionais, deve ser apresentada e discutida perante a realidade do professor e do aluno.

Em face de isso, a alfabetização bilíngue deve ser repensada e planejada para a sua melhor aplicabilidade e clientela no âmbito da sala de aula.

Na contribuição de Paulo Freire, este destaca que “não há docência sem pesquisa, pois estes afazeres se encontram um no corpo do outro. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago”.²

Foi fazendo uma análise da minha carreira como educadora e alfabetizadora que procurei desenvolver minha pesquisa de mestrado, buscando respostas para as minhas indagações, através de leituras, escolhas, renúncias, investigações e ressignificações, partindo da concepção de que não existem verdades absolutas ou simplesmente trabalhos incompletos na área da educação. O que pode ser

¹ AZANHA, José Mário Pires. *Política e planos de educação no Brasil: alguns pontos para reflexão. Cad. Pesquisa* [online], n.85, p. 70, 1993. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n85/n85a08.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2011.

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 29.

considerado é a relativização dos saberes pedagógicos e a dimensão inacabada da aprendizagem.

Partindo dessa visão acredita-se que uma criança com seis anos de idade constitui-se de fato naquela pessoa que é capaz de exercer tal cidadania. Esta criança não deve apenas ter seus direitos escritos em lei, mas tê-los vivido em uma prática político educacional real. Oferecendo a ela a aquisição de uma prática escrita e falada que a leve a construir os seus próprios argumentos, sua própria comunicação, no meio em que participa.

Podendo, assim, esse aluno pensar a respeito da escola, da sua casa e dos lugares onde ele frequenta, relacionando com o aprendizado adquirido no ambiente escolar.

O objeto de pesquisa deste trabalho é mostrar as possibilidades de conhecer o processo de desenvolvimento de uma proposta de alfabetização, com ênfase no aprendizado bilíngue e sua inserção na escola na classe de alfabetização. Diante desta realidade, a escola, juntamente com os seus professores, deve pensar a alfabetização como processo dinâmico, ampliar o universo de conhecimento, oferecendo formas variadas de aprendizagem sem desconsiderar a sua faixa etária e a influência dos meios tecnológicos para o aprendizado bilíngue.

Investigar uma metodologia bilíngue faz com que o educador possa contribuir de forma indireta na prática social dos novos educandos e faz-se necessário quebrar paradigmas de modo a procurar contextualizar escola, alunos e professores.

Este trabalho busca destacar uma alfabetização bilíngue. E em paralelo ao termo alfabetização encontra-se outro termo: letramento. Apresenta um significado mais amplo e complexo, tendo aparecido pela primeira vez no livro de Mary Kato: No mundo da escrita uma perspectiva psicolinguística, 1986. Isso faz com que possamos conhecer algo ou um fenômeno que antes não existiu, ou se existia não nos dávamos conta dele.

Deste modo destaca-se a proposta de pesquisa: como deve ser o processo de alfabetização de crianças de seis anos? Assim, o seu objetivo geral no qual foi o eixo norteador desta busca é: Identificar a importância de método e de uma didática facilitadora no processo de alfabetização bilíngue.

Para tanto o trabalho foi estruturado em quatro capítulos.

O primeiro é um esboço da iniciação dos alunos na escola no ensino fundamental da Educação Básica, e nos fatos históricos relacionados com o surgimento da escrita.

No segundo capítulo aparece a contribuição de vários autores em suas obras frente a este novo contexto, relacionando a alfabetização e o letramento, são feitas algumas abordagens conforme minhas experiências pessoais e conhecimentos adquiridos em sala de aula ao longo de alguns anos atuando na classe de alfabetização, o que considero de muita valia para a realização desta pesquisa.

O terceiro capítulo destaca as tecnologias e o processo de mudança na alfabetização e na formação do professor bilíngue, tentando abordar o tema como algo necessário para melhor atender ao seu público.

O quarto capítulo tem como destaque a formação do professor alfabetizador bilíngue para atuar em classe de alfabetização de uma escola que ofereça esta modalidade de ensino.

O estudo desse novo paradigma contribuirá para um repensar do educador atuante nas classes de alfabetização seja bilíngue ou não, pois este deve ter um conhecimento básico dos princípios teórico-metodológicos da alfabetização para que possa refletir sobre sua prática pedagógica, podendo reconstruí-la, independente de suas circunstâncias sociais, culturais e cognitivas.

1 O INGRESSO NO ENSINO FUNDAMENTAL

A escola é um lugar mágico, marcado com lembranças jamais esquecidas. Este faz com que a criança entre para o espaço social, tornando-se de fato um verdadeiro parceiro no crescimento da vida em grupo. A escola é um espaço de construção de saberes, sistematização de regras e paradigmas e, acima de tudo, um ambiente tanto para crianças como para adultos, uma socialização de saberes, do conhecimento de cada um. Ao mesmo tempo pela pluralidade de ideias, valores e as diferentes formas de expressão, torna-se também espaço de conflitos, oposições, buscando explorar espaços e saberes, proporcionando descobertas.

Toda esta complexidade existente, pode se tornar um fator de crescimento profissional e acima de tudo humano. Sendo que, se o contrário prevalecer acaba se tornando um entrave no processo de ensino e aprendizagem e, acima de tudo um gerador de angústia, insatisfação, intolerância e de muitos conflitos.

As relações familiares, no espaço da rotina da casa, tornam-se as primeiras referências da criança. A ida para a escola pode significar uma ruptura com este mundo conhecido e, por isso, tornar-se muito assustadora para a criança, assim como para seus pais.

O fato é que a separação é inevitável na vida de cada um de nós. Para que haja crescimento é necessário que a separação seja tolerada, mesmo considerada muitas vezes um processo doloroso, pois implica em mudanças, em perdas por situações conhecidas e no enfrentamento das angústias e fantasias decorrentes destas vivências. Este é um caso muito observado em crianças nos primeiros dias de aula do primeiro ano do Ensino Fundamental. O medo de ficar sozinho em um ambiente desconhecido, com pessoas desconhecidas. É um momento forte e marcante na vida da criança, sendo que ela leva como conceito para a sua vida adulta.

É natural que uma situação nova e desconhecida suscite medos, ansiedade e insegurança. Por isto, é importante que os educadores possam considerar essas emoções como algo esperado nesta situação e na medida do possível ir conversando com a criança e com seus pais a respeito da repercussão destas

vivências. A intensidade com que cada um vai experimentar essa situação depende muito de aspectos particulares da personalidade e também da vivência familiar.

Quanto mais cedo uma criança com dificuldades de separação dos pais puder ser ajudada, mais possibilidades de se desenvolver de forma satisfatória ela terá. E assim, estará progredindo em sua autoconfiança e desenvolvendo sentimentos de segurança.

A atenção da família no processo de aprendizagem, principalmente nesta fase de descobertas de um espaço diferente no que diz respeito ao contato com pessoas da escola e interação com colegas de classe e com os demais alunos faz com que a criança mude comportamentos, aderindo a vocábulos considerados feios, mentiras a respeito da sala da aula, do professor, tudo para chamar atenção dos pais em casa. Para Piaget, nesta nova fase de inserção na sociedade para as crianças tudo é belo e tudo pode. Para os pais fica a parte confusa de tentar colocar regras e limites da forma em que eles acreditam estar correto. Então, adotam algumas atitudes em que possam sanar a divergência ou mesmo ignorá-la na relação com o filho.³

Como foi mencionado anteriormente, quando se fala ou age com atitudes de limites, observa-se muitas vezes a tendência de não reconhecer esses sentimentos e tentar negar a realidade ou mesmo fugir, e fingir que nada ocorre por acaso. Outras se sentem mais capazes de entrar em contato com essas vivências e a partir delas encontrar alternativas. Fato que demanda certo amadurecimento, pois, alguns pais se relacionam com o filho como se fosse um eterno bebê, sem reconhecer as condições e os recursos da criança e, dessa forma, infantilizam seus filhos. Cabe à escola neste momento alertar e orientar os pais para que possam repensar sua conduta e agir mais de acordo com a realidade da fase de desenvolvimento de seu filho.

O sentimento de frustração pode tornar-se muito frequente em função do desejo da criança que é ilimitado e ainda não leva em conta os aspectos da realidade. É característica própria da natureza infantil o desejo que este seja ilimitado, desmedido, impregnado por fantasias de tudo querer e de tudo poder. Só com o desenvolvimento e com a ajuda do adulto é que a criança pode ir aprendendo

³ PIAGET, Jean. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Summus, 1977. p. 121.

a restringir certas vontades, a trocar uma coisa por outra, a aceitar que existe uma hora para cada atividade e que mesmo seja algo prazeroso. Em certo momento pode precisar ser deixado de lado e ser substituído por outra, a qual seja de interesse deles. Com base em Piaget, Wadsworth destaca o seguinte:

De modo geral, diante de um problema puramente verbal elas são incapazes de resolvê-lo corretamente. Mas diante do mesmo problema apresentado de modo concreto, elas podem aplicar as operações lógicas e resolvê-lo.⁴

O modo como a escola e os professores podem auxiliar na resolução de conflitos quando aparecerem é ter todo um cuidado para não deixar a fantasia da fase da criança prejudicada, pois, a escola pode se tornar uma frustração e não um lugar maravilhoso de descobertas jamais esquecidas.

A atenção recebida na escola reflete na criança, fazendo com que tome consciência do mundo de diferentes maneiras em cada etapa de seu desenvolvimento. As transformações que ocorrem em seu pensamento se dão simultaneamente ao desenvolvimento da linguagem e de suas capacidades de expressão. A criança é movida pelo interesse e curiosidade, e, motivada pelas respostas dadas pelo educador, através de informações vindas dos livros, notícias, reportagens, televisão, rádio, internet, jogos, etc. Ela ficará segura, sentindo-se protegida naquele novo espaço, onde passa a se sentir integrante, participativa nas brincadeiras e no mundo dos colegas.

O desenvolvimento da infância na fase dos três aos sete anos é um período de crescimento cultural do ser humano, cuja importância vai ficando cada vez mais clara e precisa à medida que avança o conhecimento sobre si própria e do ambiente em que está inserida. Outro aspecto relevante é em relação aos pensamentos, as fantasias e desejos infantis. A criança imagina de fato que é toda poderosa, consegue tudo o que quer, lê histórias somente com gravuras e fica muito assustada com a força e intensidade que seus sentimentos podem ter, conforme o comportamento em um ambiente diferente daquele em que ela está acostumada, seja em casa ou na escola.

⁴ WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1993. p. 105.

Neste momento vem a análise da escolha do professor alfabetizador que compreenda esse mundo da criança que está chegando com muitas fantasias, muitos sonhos e muitas expectativas acima de tudo. Sabe-se também que esta é influenciada pelo meio social em que ela convive e, também deixa as suas próprias marcas neste meio. O conjunto de pessoas com as quais a criança tem contato deve estar preparado para modificar o seu convívio, pois se todos não estiverem em conexão, a aprendizagem terá consequências negativas.

Nessa fase de inserção da criança na escola, apesar de todas as relações de convivência em casa e na sociedade, a realidade apresentada na escola deve estar voltada para o contexto de cada uma das crianças e através disso promover a troca de saberes entre crianças, professores e a própria família. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

[...] As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.⁵

Com base nesse referencial da educação infantil podemos tomar como base os anos iniciais das crianças na escola, a repetição de tudo o que o professor faz, desde o apontar o lápis até o modo de arrumar o cabelo, sendo que o aprendizado não se constrói com uma simples repetição de fazeres, e, sim, nas relações sociais estabelecidas entre todos que fazem parte da vida da criança.

Em relação à análise do contexto de cada aluno, a escolha do professor alfabetizador cabe um maior detalhamento quanto aos temas e as propostas a serem desenvolvidas durante o ano. Assim vai se formando gradualmente um novo currículo, voltado às práticas culturais da infância, enquanto o tempo fica distribuído de forma que as atividades que envolvam movimentos sejam equiparadas em importância às atividades mais especificamente voltadas à apropriação da leitura e da escrita. Busca-se, assim, uma escolarização que vise à formação da criança enquanto ser em desenvolvimento.

Kant e Piaget, um filósofo e outro psicólogo, discutem um tema com um posicionamento polêmico voltado para o ser humano. E em um momento do diálogo

⁵ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 1, p. 21-22, 1998.

entre os pensadores, a respeito da educação, afirmam que homem sem educação não é nada, nem mesmo homem. Neste momento podemos perceber a importância da educação para estes estudiosos na perspectiva da possibilidade de evolução da pessoa, sendo criança ou adulto.⁶

Frente a isto, existe a necessidade de uma educação voltada não apenas para a memorização de dados, mas também para a formação da pessoa, não apenas na parte cognitiva como também o desenvolvimento da parte afetiva, formação da personalidade, enfim, buscando a formação integral do cidadão, com uma preocupação na qual se deve ter um cuidado todo especial em conceitos e atitudes frente a este posicionamento, pois se trata de crianças em fase de desenvolvimento tanto cognitivo como pessoal.

Desde muito cedo, as crianças, como é o caso da classe de alfabetização de alunos do ensino fundamental, considerados pequenos, mas com uma personalidade diferente daqueles em que a escola tradicional estava acostumada a receber, não costumam aceitar tudo o que o professor passa pra eles, os alunos que estão chegando à escola já tem seu posicionamento definido manifestado de diferentes formas seja na fala, na agitação ou simplesmente sem muita produção que não seja de seu interesse. Isso ocorre também nas aulas de alfabetização bilíngue, quando não é interessante para o aluno, ou quando não ofereça o diferente para ele acaba não se tornando nada significativa para o desenvolvimento do aluno.

Surge então a diversidade na educação em relação à educação tradicional. O aluno busca o novo, o diferente saindo do comodismo ou simplesmente em busca de novos desafios de aulas atraentes, significativas, que chame sua atenção. A tendência tradicional se torna antiquada. Neste momento passa a existir a necessidade de outro tipo de pessoa, não apenas aquelas que reproduzem as informações dadas como algo mecânico, mas aquelas que têm a capacidade de pensar, trabalhar em grupos e observar o que é possível fazer de diferente.

Este é um desafio em que a escola deverá tentar buscar alternativas para proporcionar um aprendizado para esse novo público. Nesta perspectiva a instituição não está sozinha. Ao se pensar em totalidade ou em grupo, deve-se analisar uma

⁶ PIAGET, 1977, p. 112.

proposta de ensino na qual todos estejam ou possam estar engajados em referenciais pedagógicos na organização e projeção do grupo.

Ainda existe a ideia de que as escolas consideradas de qualidades são as que centram a aprendizagem no racional, no aspecto cognitivo do desenvolvimento intelectual, e que avaliam os alunos apenas por meio de provas. Seus métodos e suas práticas enfocam a repetição, a memorização. São aquelas escolas que estão sempre preparando o aluno para o futuro, ou seja, para a próxima série a ser cursada. Augusto Cury afirma que:

Há muitas escolas que só se preocupam em preparar os alunos para entrar nas melhores faculdades. Elas erram por se focarem apenas neste objetivo. Mesmo que entrem nas melhores escolas, quando saírem, esses alunos poderão ter enormes dificuldades para dar solução a seus desafios profissionais e pessoais.⁷

Cury evidencia a necessidade de preparar os alunos não apenas para o futuro, mas sim para a vida. Portanto, as escolas devem ser espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, nas quais os alunos possam aprender a ser pessoas de bem, a valorizar e respeitar as diferenças, por meio da convivência com os que estão ao seu redor, do exemplo dos professores, da maneira de se ensinar em sala de aula e da relação estabelecida com toda a comunidade escolar.

Para tanto, deve-se educar o aluno para que ele adquira a capacidade de usar o ensino em várias atividades e diversos contextos de sua vida, e não somente isso, na solidariedade, na tolerância, na segurança, na capacidade de gerenciar pensamentos em momentos de tensão, da habilidade de trabalhar em grupos e também com perdas e frustrações. Enfim, o desafio é formar pessoas capazes de saber como lidar com a vida, e não apenas cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Para Libâneo:

É preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à

⁷ CURY, Augusto. *Pais brilhantes, Professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 15.

vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções democráticas.⁸

O autor ressalta esse papel da escola, mas também cabe ao professor, além de outras tarefas, ensinar seus alunos a tomarem decisões, ensinar o certo ou errado numa época de tantas transformações na sociedade e no mundo. Para Turra

O sentido da vida só pode ser aprendido pela própria pessoa, mas as atitudes podem ser ensinadas. Mesmo que o professor não considere as atitudes como objetivos destacados dentro de seu ensino, não pode ignorar que elas afetam a interpretação de tudo o que se percebe. As atitudes se modificam por meio de aprendizagens.⁹

A escola participa na formação da personalidade do aluno, por isso ela deve estimulá-lo a ter boas atitudes, ainda para Turra é evidente a necessidade de se ter uma educação voltada para o ensino de valores, certamente esse não é o objetivo principal do ensino, mas ambos devem ser trabalhados juntamente, pois “não podemos dissociar o pensar do agir e do sentir”. Esses três estão interligados e são indissociáveis, por isso devem ser trabalhados juntos, e, além disso, chamar atenção do aluno, ele é um ser humano que é influenciado por seu modo de pensar e agir.

Segundo Arantes:

A sociedade solicita que a educação assuma funções mais abrangentes que incorporem em seu núcleo de objetivos a formação integral do ser humano. Essa proposta educativa objetiva a formação da cidadania, visando que alunos e alunas desenvolvam competências para lidar de maneira consciente, crítica, democrática e autônoma com a diversidade e o conflito de idéias, com as influências da cultura e com os sentimentos e as emoções presentes nas relações que estabelecem consigo mesmos e com o mundo à sua volta. Afinal, estamos falando de uma educação em valores em que as dimensões cognitiva, afetiva, [...] interpessoal e sociocultural das relações humanas, são considerados no planejamento curricular e nos projetos político-pedagógicos das escolas.¹⁰

Assumir, compreender e respeitar essa diversidade tanto no aspecto social como de valores é deixar o tradicional, é propor uma ruptura em toda a estrutura da

⁸ LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 7.

⁹ TURRA, Clodia Maria Godoy *et al.* *Planejamento de Ensino e Avaliação*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998. p. 86.

¹⁰ ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Afetividades na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 2003. p. 157.

educação, sendo propostas significativas para atender as necessidades dos indivíduos que dela participam.

As propostas educacionais colocam-se na perspectiva de melhoria, de transformação, proporcionando uma autonomia desde muito cedo. Para buscar esse posicionamento social e valor moral, algumas escolas precisaram de muita ousadia. Transformando ambientes, colocando em prática novas propostas, enfatizando a importância do trabalho em grupo do querer mudar, colocando como foco o aluno com seus sonhos e anseios, só assim pode-se ter uma educação de qualidade.

As instituições de educação são espaços de socialização, propiciam o contato com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa para todos que frequentam aquele lugar.

O tempo vai passando, crianças e jovens fazem da escola um ambiente no qual fica sendo significativo no desenvolvimento dos mesmos. Para Daunis “a escola torna-se primordial no longo processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes. Eles são alunos durante o período chave das mudanças biopsíquicas e da enculturação”.¹¹ Assim, este desenvolvimento e a vida escolar possuem influências no processo de ensino aprendizagem e na formação da personalidade dos futuros jovens em nosso meio social.

O mesmo autor argumenta ainda que “as vivências escolares podem abrir caminhos, oferecer oportunidades e potencializar capacidades”.¹² Pensando dessa forma o aprendizado de uma segunda língua, no caso a língua inglesa, a capacidade de interação no mercado de trabalho, quando em idade adequada, torna-se um dos requisitos eliminatórios.

A contribuição da escola desde o primeiro ano de sua alfabetização deve estar nas relações entre professor e aluno, respeitando as individualidades de cada um e proporcionando um mundo muito mais significativo e prazeroso partindo da concepção trazida pelo educador.

Nesta perspectiva, a profissão de docente não é uma tarefa simples, exige além da dedicação a uma série de burocracias, são exigidas do professor a

¹¹ DAUNIS, Roberto. *Jovens, desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 161.

¹² DAUNIS, 2000, p. 162.

orientação e a análise do conhecimento em construção, não como algo estanque sendo um compromisso político carregado de valores éticos e morais. Segundo Zeichner, aprender a ensinar é um processo que continua ao longo da carreira docente e que não obstante a qualidade do que fizemos.¹³

Aprender e ensinar através de um novo comportamento é um desafio para quem é educador há alguns anos. Não é uma tarefa que termina após ter concluído a graduação ou simplesmente ter se adaptado a certas metodologias, cabe destacar que esta aprendizagem, tanto do professor quanto do aluno, exige uma prática reflexiva em que ambos irão descobrindo juntos e, adaptando-se a cada momento.

A história da educação vem demonstrando muitas iniciativas de incentivos a qualificação docente. Acredita-se que todas sejam significativas, desde que a prática seja analisada de forma competente e não seja feita uma mera graduação. E é nesse contexto em que se deve proporcionar uma nova reflexão e ação para buscar meios para desenvolver e atualizar o trabalho docente como um processo de construção permanente do conhecimento e desenvolvimento em nossas escolas, sendo que os alunos da Educação Básica estão chegando com um mundo diferente daquele em que nós educadores não estávamos preparados, dá-se então o choque de concepção de mundo, informatizado para o quadro negro.

Tendo esta compreensão, vai se buscar alternativas para impulsionar uma revisão crítica, de caráter teórico-prático a respeito da atuação docente frente a alfabetização dessa nova geração.

Nesse processo de mudanças em que se está tentando adaptação é imprescindível um cunho de seriedade e bom senso, frente à visão do docente como agente histórico de transformação da realidade, pois, segundo Daunis, podemos desenvolver a atividade profissional sem nos colocar o sentido profundo das experiências que propomos também podemos nos deixar levar pela inércia ou pela tradição agregada nos anos como profissionais da educação.¹⁴

Segundo Zeichner, é imprescindível o saber necessário para o bom desempenho da profissão, sendo este um processo contínuo e permanente, em que o docente deve apresentar disponibilidade em buscar o novo, preparar atividades

¹³ ZEICHNER, R.M. *A Formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993. p. 55.

¹⁴ DAUNIS, 2000, p. 163.

diversificadas, em que saiba avaliar a sua própria atuação e o contexto em que atua. Possa oferecer uma relação de autonomia, possibilitando a estas crianças que o fazer e o pensar ofereçam formas de se integrar nesse meio, sendo o processo de aprendizagem voltado ao seu mundo, partindo da análise, compreensão, interesse e necessidade existente. E, esta forma diferenciada em que tanto é abordada, o docente enfatiza como oportunidade em estar aprendendo.

A pedagogia diferenciada está, portanto muito longe de envolver todos os agentes do sistema, contudo amplia-se o círculo daqueles que refletem sobre isso e tentam algo diferente. Normalmente este docente frente a esta realidade será visto como agente encorajador para inspirar outros profissionais a buscar autonomia, integridade e responsabilidade do grande grupo de docentes a tentar buscar esta pedagogia diferenciada frente à realidade da sua escola e de seu público.¹⁵

1.1 Professor alfabetizador

Segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) “toda criança tem direito a uma educação de qualidade, a qual não mostra só o sucesso do aluno como também do professor e da própria escola”.¹⁶

O significado do papel de docente é muito amplo, é toda uma função seguida de comportamentos próprios para aquele papel ou função que se desempenha em um dado momento de sua vida. A todo instante estamos desempenhando diversos papéis: filha, namorada, aluna, entre outros. Apesar de sermos sempre a mesma pessoa, em cada situação há uma característica, uma forma de ser que nos diferencia das demais.

Tendo como exemplos anteriores, cabe ao professor alfabetizador refletir sobre tão complexa e importante a tarefa de promover o uso comunicativo da leitura e escrita. Emília Ferreiro aponta que: “Ao ingressar na série onde começa a ocorrer o ensino sistemático das letras a criança já detém uma grande competência linguística que não é considerada”.¹⁷ Talvez isso possa influenciar no papel do professor, o qual deve valorizar cada aluno na sua individualidade.

¹⁵ ZEICHNER, 1993, p. 55.

¹⁶ BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: 19 abr. 2012.

¹⁷ FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 24.

É sem dúvida uma função bastante complexa ser docente. Sugere uma postura crítica, argumentativa diante do conhecimento e da realidade. Esta profissão também exige conhecimento em termos de conteúdo, metodologia, recursos, bem como a demonstração de ter prazer de ensinar e aprender, o que enriquece ainda mais o trabalho como educador, assumindo com postura firme e decidida o seu papel no processo de ensino e aprendizagem.

Como mencionado no início deste trabalho, a escola é um espaço de construção. Assim é necessário oferecer ao professor no decorrer de sua prática docente, espaço e momentos de trocas com colegas, a fim de ressignificar pensamentos, valores, sentimentos, e até mesmo comportamentos frente a sua prática em sala de aula. É também interessante poder refletir, e se for necessário redefinir competências, práticas e capacidade de poder fazer escolhas para que o seu trabalho se torne mais significativo.

Cabe neste momento também ressaltar a observação de que não é qualquer pessoa que tem sensibilidade e habilidade para o cumprimento da tarefa de professor alfabetizador. Para esclarecer quais seriam os critérios a serem observados de como ser um bom educador, nada melhor que buscar referência em educadores que sonham e buscam cada vez mais estar em sintonia com o seu grupo por uma escola e uma educação pautada nas prioridades do educador. Entre os educadores podemos buscar referência em Miguel Arroyo. Segundo Arroyo para o professor ser um bom profissional deve-se criar condições para ele desenvolver o seu trabalho.¹⁸ Além disso, o autor afirma que o professor deve:

- Dominar as competências e os conhecimentos necessários à compreensão do mundo, dos problemas reais, entendê-los e intervir na vida social e cultural;
- Desenvolver a capacidade de fazer escolhas pedagógicas;
- Dominar os conhecimentos críticos para promover a verdadeira renovação de teorias educacionais, processos de construção do conhecimento e visões sobre novos métodos.

O educador que procura atender às exigências atribuídas para este perfil, certamente estará atendendo às exigências de acordo com o Art. 13 da LDB, o qual

¹⁸ ARROYO, Miguel G. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. *Educação e Sociedade*, Campinas, CEDES, v./n. 68, p. 143-162, 1999.

trata das incumbências dos profissionais da Educação Básica. O educador deve estar preparado oferecendo amparo e direcionamento através do domínio das habilidades e competências, somente assim poderá realizar um planejamento de forma que atenda às necessidades e compreenda a realidade de seus alunos, na qual cada um se sinta importante em seu papel de agente de transformação. Somente assim o educador poderá ter a sua inserção com êxito na comunidade ou no espaço escolar.¹⁹ Essas mudanças no contexto educacional ocorrem de forma acelerada e o professor deve estar sempre bem informado acompanhando as modificações e transformações que surgem nesta área.

As descobertas oriundas de diferentes esferas da sociedade como os avanços tecnológicos, ocorridos nas últimas décadas, afetam em especial os docentes, além de adquirirem conhecimentos, determina que estejam preparadas de forma dinâmica e criativa para encontrar caminhos, soluções para os novos e complexos problemas na área da educação e possam ter uma visão crítica e criativa, de natureza teórica e de natureza prática no auxílio do seu trabalho, jamais deixando de ser mestre na sua profissão.²⁰

São transformações caracterizadas por constantes desafios, que nem sempre acontecem com êxito. O educador não consegue acompanhar todas estas mudanças devido a uma série de fatores, entre os quais: ampla carga horária de trabalho, atuação em mais de um local de trabalho, custo elevado de livros de atualização, pouco incentivo por parte dos governos em relação à questão salarial, etc. Estes aspectos mencionados são apenas alguns, deixando de lado o estresse que é um grande problema na área da educação, o qual impede a realização de um bom trabalho direcionado para as necessidades, expectativas e interesse da sociedade atual.

O educador mais do que nunca precisa estar aberto para as mudanças na práxis educativa, não deixando de destacar a presença de novos paradigmas sociais. Uma vez que o educador tem o importante papel enquanto agente de mudança.

Sob esta óptica fica evidente que o professor tem um papel significativo e central para desempenhar na educação que se almeja para o século XXI. Saber

¹⁹ BRASIL, 1997.

²⁰ ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

aprender e ensinar são permanentes desafios à construção de um cotidiano escolar em que seja possível fazer valer as dimensões humanas da ética e da cidadania ativa, propondo estratégias e ações que viabilizem ensinar, conviver nos espaços institucionais educativos.

1.2 Surgimento da escrita

Comprovações históricas nos relatam que a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos que provavelmente eram usados para contar o gado, na época em que o homem já domesticava os animais e possuía rebanhos. Essas marcas eram utilizadas, também para as trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou produtos negociados. Além dos números, era preciso inventar símbolos para os produtos e os nomes dos proprietários.

Segundo Cagliari:

Quem inventou a escrita inventou ao mesmo tempo as regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente. A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade.²¹

A ampliação do sistema de escrita fez com que as pessoas abandonassem os símbolos para representar as coisas e passaram a utilizar, cada vez mais, os símbolos que representassem sons de fala. Como aborda Cagliari: naquela época de escrita primitiva, ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repetindo um modelo mais ou menos padronizado, tipo de documento ou texto.²²

Segundo Cagliari, a escrita começou de maneira autônoma e independente, na Suméria, por volta de 3300 a. C. É muito provável que no Egito, por volta de 3000 a.C, e na China, por volta de 1500 a.C., esse processo autônomo tenha se repetido. Os Maias, da América Central, também inventaram um sistema de escrita independente de um conhecimento prévio de outro sistema de escrita. Os demais

²¹ CAGLIARI, L. Carlos. *Alfabetizando sem o Ba-Bé-Bi-Bó-Bu*. São Paulo: Scipioni, 1998. p. 12.

²² CAGLIARI, 1998, p. 14.

sistemas de escrita foram inventados por pessoas que tiveram, de uma maneira ou de outra, contato com algum sistema de escrita.²³

De acordo com Cagliari, a alfabetização na Idade Média, em geral, ocorria menos nas escolas do que na vida privada das pessoas: quem sabia ler ensinava a quem não sabia, mostrava o valor fonético das letras. Aprender a ler e a escrever não eram atividades escolares, como na Suméria ou mesmo na Grécia Antiga. Nessa época, como as crianças não iam à escola, as que podiam eram educadas em casa pelos pais, por alguém da família ou até mesmo por um preceptor contratado para essa tarefa.

No campo da alfabetização o contexto linguístico e as ilustrações sempre ajudaram com informações complementares, facilitadoras do processo de decifração, sendo que alfabetização ocorre bem antes da frequência à escola.

E com esta nova percepção, a preocupação com a alfabetização se tornou muito importante para novas descobertas. Uma das primeiras consequências foi o aparecimento das “cartilhas”.

João de Barros (1496-1571) escreveu a gramática portuguesa mais antiga, publicada em 1540. Junto com a gramática publicou a cartinha, que é o diminutivo de “carta”, ao lado da “cartilha”. O nome “cartilha” ou “cartinha” tem a ver com “carta”, no sentido de esquemas, mapas de orientação.

A cartilha de João de Barros trazia o alfabeto (em letras góticas, que eram as da imprensa da época), depois vinham as “taboas” ou “tabelas”, com todas as combinações de letras que eram usadas para escrever todas as sílabas das palavras da língua portuguesa. Em seguida, havia uma lista de palavras, cada uma começando com uma letra diferente do alfabeto e ilustrada com desenhos. Por último, vinham os mandamentos de Deus e da Igreja, e algumas orações. João de Barros incluiu, também, um gráfico que permitia fazer todas as combinações de letras das “táboas”.

A cartilha de João de Barros não era um livro para ser usado na escola, uma vez que a escola, naquela época não alfabetizava. O livro servia, igualmente, para adultos e crianças. Para se alfabetizar, a pessoa decorava o alfabeto, tendo o nome das letras como guia para sua decifração, decorava as palavras-chave para por em

²³ CAGLIARI, 1998, p. 15.

pratica o princípio acrofônico, próprio do alfabeto, e depois punha-se a escrever e ler, interpretando, nas “taboas”, as sílabas da fala com a correspondente forma escrita.

Outra cartilha famosa foi de Antonio Feliciano de Castilhos, chamada Método português para o ensino de ler e escrever, publicada em 1850. Essa obra tinha como uma de suas características mais importantes o emprego dos chamados “alfabetos picturais ou icônicos”, já usados na Grécia Antiga e muito em voga durante o Renascimento.

Castilho apresentava, também, “textos narrativos” para ensinar o uso das letras, fazendo uma lição para cada uma delas e para os dígrafos.

Além do método de Castilho, outra cartilha portuguesa que ficou muito famosa inclusive no Brasil, foi a de João de Deus (1830-1896) chamada cartilha maternal ou arte de leitura. As cartilhas foram se tornando conhecidas e significativas para o meio social.

O ensino realizado com muitos alunos em uma classe acabou criando um tipo de escola para as crianças: as escolas infantis, jardins de infância ou escolas maternais, iniciadas por Robert Owen (1771-1858) em 1816, destinados aos filhos dos operários de sua fábrica têxtil de New Lanark, na Escócia. Essas escolas logo se espalharam e passaram a cuidar da alfabetização das crianças. O pedagogo alemão Friedrich Froebel (1782-1852) fundou o primeiro jardim de infância (Kindergarten) em 1837.

As escolas que ensinavam as crianças a ler e a escrever espalharam-se pelo mundo. Apesar de a escola se encarregar da alfabetização, os alunos que frequentavam essas escolas pertenciam a famílias com certos status na sociedade. O povo simples e pobre continuava fora da escola. A alfabetização nessa época significava a educação de ricos.

1.3 Aparecimento de outras Cartilhas

Com o passar do tempo aparecem inúmeras cartilhas. Até a década de 50, as cartilhas escolares ainda davam ênfase à leitura. Achavam importante ensinar o abecedário. Surge aqui a Cartilha do povo (1928), escrita por Lourenço Filho a leitura era feita através de exercícios de decifração e de identificação de palavras, por meio

dos quais os alunos aprendiam as relações entre letras e sons seguindo a ortografia da época. Na mesma época, alfabetizada era a pessoa que, segundo a Unesco, fosse capaz de ler e escrever, mesmo que somente frases simples, imaginava-se que, para ler, era preciso primeiro aprender o sistema de escrita, sem levar em conta o conhecimento da criança, tratando-a como um vazio a ser preenchido. O educando não era um usuário da escrita e, na vida cotidiana, não conseguia extrair sentido das palavras nem colocar ideias no papel por meio do sistema de escrita. O mesmo autor da cartilha, Lourenço Filho, tentou inovar depois das informações fornecidas pela UNESCO. Para a próxima produção a ênfase passou a ser a escrita e não a leitura, baseada na cartilha do Teste A B C (1934).

Parecia que ia dar certo, mas não foi bem assim. Os alunos apresentavam dificuldades em seguir o processo de alfabetização. Diante disso, a escola decidiu buscar alternativas para entender o aluno, o professor, e as cartilhas. Uma das primeiras evidências foi o fato de as cartilhas serem esquemáticas demais. Outra, os professores não estariam sabendo como utilizá-las. Assim surge o manual do professor, para auxiliá-los de forma direta na aplicação dos esquemas de cartilha, mas mesmo assim o índice de reprovação continuava. Foi então que Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) tentaram buscar uma solução para o problema. Baseadas na teoria de Piaget, elas deram ênfase ao como se aprende, e não ao como se ensina. Deixando de ser trabalhado de forma isolada e inserindo o contexto da realidade do aluno.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases criou os ciclos na organização de ensino. Com isso, podemos perceber que a classe de alfabetização em um ano não dá conta da alfabetização que agora é vista não somente como a aprendizagem mecânica do ler e escrever, mas como um período onde a criança é levada a dominar as práticas de leitura e de escrita.²⁴

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e no caso específico da Língua Portuguesa, podemos perceber que:

O domínio da língua, oral e escrita, é de fundamental importância para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à formação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus

²⁴ BRASIL, 1997.

alunos o acesso a saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.²⁵

Este documento, atualmente, é tido como um dos referenciais para a elaboração de projetos, discussões pedagógicas, planejamento e reflexão sobre a prática educativa nas escolas, servindo como subsídio para o trabalho de alfabetização bilíngue também porque o aluno deve ser alfabetizado de forma paralela nos dois idiomas. Este ensino deve proporcionar ao aluno a sua inserção na sociedade desde os seis anos com a entrada na escola na turma de alfabetização. É necessário oferecer condições para que a comunicação, não somente na língua materna, como também na Língua Inglesa, seja mais uma possibilidade de aprendizagem no ambiente escolar. Com auxílio nos PCNs de Língua Inglesa (1999): “Não se deve pensar em uma sociedade de unificação do ensino, mas sim no atendimento às diversidades, aos interesses locais e às necessidades do mercado de trabalho no qual se insere ou virá a inserir-se o aluno” (p. 49).

Esta possibilidade de ensino e aprendizagem está surgindo como uma necessidade nas escolas desde a classe de alfabetização para que o aluno perceba a importância de estar em conexão com as mudanças ocorridas em toda a parte do mundo, como também a sua preparação para o mercado de trabalho. Em relação ao material didático disponível para este ensino, verifica-se uma grande deficiência e o que o educador encontra geralmente são cartilhas de Língua Inglesa sobre as quais se tem muito a aprender, a buscar e analisar, pois não podemos ensinar o que já vem pronto para nossos alunos, devemos pensar em atender a diversidade para uma comunicação também diversificada.

Em suma, todo este esboço a respeito da história da alfabetização, o surgimento da escrita e as cartilhas, apontam para uma direção reflexiva a respeito de um novo método de ensino para a classe de alfabetização. Então se faz necessário um repensar da teoria e da prática da Língua Inglesa que seja eficaz e atenda as exigências dessa geração de alunos de seis anos, que já estão ocupando uma boa parte do público da sala de aula.

²⁵ BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino religioso*. 2. ed. São Paulo: AM Edições, 2011. p. 15.

1.4 A valorização do social no processo de letramento

Luria e Vygotsky consideram que a criança traz um conjunto de fazeres culturais, habilidades e destrezas para com seu meio, e corre o risco de perdê-los na escola, pois esta enfatiza o ensino da sistematização de signos linguísticos padrões.²⁶ Assim, valorizar socialmente o contato da escrita que o aluno tem desde sempre e não somente a partir de escola, é valorizar suas experiências, conhecimentos e expectativas em relação à escrita.

Na concepção vygotskiana, a construção do pensamento e da subjetividade acontece em um processo cultural e não em uma relação natural, mas que ocorre com uso dos signos e o emprego de instrumentos elaborados pela história humana em um contexto socialmente determinado, portanto uma relação mediada. Segundo Oliveira, um conceito central para a compreensão da concepção vygotskiana é o conceito de mediação: “Mediação, em termos genéricos, é processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”.²⁷

A linguagem é tomada por Vygotsky como elemento mediador fundamental para que cada sujeito tenha consciência das coisas que pertencem ao seu mundo.²⁸ Mas, a linguagem é também, um objeto de conhecimento para os sujeitos, enquanto aprendem por meio dela.²⁹ Assim, a linguagem transmite os conhecimentos historicamente construídos, mas também ensina sobre ela própria: formas de construções gramaticais, vocabulário, temas, argumentação, diferenciação de uso em distintas situações discursivas, etc. Entendendo-se como letramento um processo de construção sócio-histórico e também constitutivo da “natureza humana” dos povos letrados.

Nesta perspectiva sócio-construtivista, a criança internaliza as propriedades e o uso da leitura e da escrita, constrói conhecimentos e conceitos sobre a escrita discursiva. Para isso, a tarefa de ler e escrever na escola deve ter a função e um

²⁶ VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N.; CIPOLLANETTO, José. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

²⁷ OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1998. p. 26.

²⁸ VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 131.

²⁹ OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 149.

sentido conhecido pela própria criança e pela comunidade a que ela pertence e onde foi construída a possibilidade deste reconhecimento.³⁰

Aos poucos, os estudos a respeito de como alfabetizar letrando foram se alargando a fim de determinar que as práticas de letramento já não estivessem somente relacionadas à camada da sociedade com maior poder aquisitivo, sendo que crianças com mais contato com os meios de comunicação ou tecnológicos desenvolvessem maior habilidade de letramento do que as crianças sem esta interação com esses meios. Mas hoje os efeitos do letramento estão correlacionados às práticas sociais e culturais de diversos grupos, cada qual tem sua visão e interpretação dentro de uma comunidade alfabetizada ou analfabeta.

Uma criança pode ter seus pais analfabetos, e não ter um computador ou até mesmo uma televisão. Isso não significa que ela não saiba o símbolo do seu time de futebol ou o pacote de sua bolacha preferida. Por isso pesquisas apontam para uma inexistência de grau de letramento zero,³¹ tendo como pressuposto a prática discursiva letrada. Quando usada no sentido de oralidade, não envolve necessariamente, as atividades específicas de ler ou escrever.³² Até porque conforme o meio de conhecimento da criança, ela já está exercendo a sua função de letrada. Com a análise de uma propaganda e fazer relação do que está sendo exposto, ou até mesmo no reconhecimento de letras do seu nome, ela está alfabetizada. Este é um cuidado que a escola deve ter em não desconsiderar o aprendizado do aluno trazido de casa na sua bagagem cultural.

Neste sentido, pode-se admitir a possibilidade de diversos tipos de letramento produzidos pelas crianças não alfabetizadas expostos nas características individuais e culturais. Assim, quem determina os graus de letramento é a avaliação da expressão linguística e suas diferentes práticas sociais que a criança vai demonstrando em que fase ela está. O letramento como um processo plural está vinculado “ao conjunto de práticas discursivas, formas de usar a linguagem e

³⁰ LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p. 58.

³¹ TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 45.

³² KLEIMAN, Angela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 28.

fazer/retirar sentido pela fala e pela escrita, que se relacionam na visão de mundo das comunidades, suas crenças e seus valores particulares”.³³

Ainda na perspectiva vygotskiana, a aprendizagem da escrita pela criança não é linear, um pressuposto frequente das práticas escolares.³⁴ Proporciona assim um distanciamento da própria representatividade da escrita para a criança. Isso pode ser feito através de atividades apresentadas em sala de aula condizente com a realidade da criança e da escola. Outra alternativa é destacar a materialidade da letra interpretada através de desenho, do modo de vida, casa, alimento preferido, vestuário, brinquedo. Assim o educador poderá ter uma noção para começar a fazer uma relação mais próxima com a fala. Outra alternativa, ainda, para ajudar no aprendizado de crianças não alfabetizadas, mas pouco exploradas, são as novas tecnologias, as quais gradativamente vão substituindo o quadro negro da escola.

1.5 Escola como instituição social

A escola assume o papel cada vez mais importante na formação da criança como cidadã participativa e autônoma. No entanto, a escola como instituição social é entendida como um espaço de valorização das diferentes culturas que a permeiam. O ensino e a aprendizagem, com seus professores preparados para propiciar aos alunos um maior contato com os livros, jogos, computador, brincadeiras, deixando de lado o A, B, C, ou até mesmo o BA, BE, Bi, etc., tornam o processo de escrita e leitura o mais significativo possível para a criança, e a afasta do processo mecânico sistematizado da prática escolar que tem a escrita em sua dimensão real sua função, como descoberta da criança.

As ideias de Vygotsky sobre a escrita têm muitos pontos em comum com a teoria de Emilia Ferreiro e seus colaboradores, desenvolvida a partir dos anos 70 e considerada uma “revolução conceitual” a respeito do assunto. O aspecto mais importante dessa semelhança é a consideração da escrita como um sistema de representação da realidade, e do processo de alfabetização como o domínio progressivo desse sistema (que começa muito antes do processo escolar de alfabetização) e não como a aquisição de uma habilidade mecânica de correspondência letra/som.³⁵

³³ MANTÊNCIO, Maria de Lurdes Meirelles. *Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1994. p. 20.

³⁴ OLIVEIRA, 1998, p. 29.

³⁵ OLIVEIRA, 1998, p. 68.

Assim, o ensino que se espera hoje da escola, é com base numa prática escolar em conhecimentos significativos, num espaço construído coletivamente que propicie a troca de experiências e forme efetivamente um aluno participativo. Segundo Cagliari, é importante que o aluno no processo de alfabetização tenha espaço de expor suas ideias a respeito do que se aprende. Ao levantar hipóteses e tentar descobrir como fez e o que fez nas diversas situações de ensino-aprendizagem, organiza tais ideias e tenta adequá-las a realidade, de tal modo que progrida na construção de seus conhecimentos.³⁶

Para Lerner, “analisar e enfrentar o real é muito árduo, mas é imprescindível quando se assume a decisão de fazer tudo o que é possível para alcançar o necessário: formar todos os alunos como praticantes da cultura escrita”.³⁷ Esta tarefa, para não ser utópica deve desenvolver instrumentos que permitam superar os obstáculos e as dificuldades. Propiciar um ambiente em que a leitura e a escrita sejam práticas vitais para repensar as práticas pedagógicas e refletir sobre como legitimar ações, proporcionando prazer e descontração em face de uma nova forma de comunicação, de um novo idioma.

A escola como lugar de inclusão social, deve valorizar ao máximo os saberes trazidos pelos alunos que ainda não apresentam o domínio da escrita. Esta valorização se torna significativa principalmente nas séries iniciais da Educação Básica. A coletânea das experiências pessoais e sociais, que ocorreram antes de sua escolarização, e as questões subjetivas, contribuem para a construção da identidade destas crianças.

Pode-se dizer que a escola é um espaço de reflexão da prática educativa e efetivação de um ensino de leitura e escrita que tem como base as práticas sociais de letramento.³⁸

Na realidade, alfabetização e letramento, são dois processos que caminham juntos, ou melhor, o processo de letramento, como vimos, antecede a alfabetização, permeia todo o processo de alfabetização e continua a existir quando já estamos alfabetizados.

³⁶ CAGLIARI, 1998, p. 66.

³⁷ LERNER, 2002, p. 24.

³⁸ SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed., 11. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 22.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Uma das primeiras menções de letramento no Brasil foi por Mary Kato, em 1986. Nela, a autora defende que a função da escola na área de linguagem é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado. Segundo ela,

[...] sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender as varias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um instrumento de comunicação.³⁹

O letramento é o termo que melhor expressa a concepção de aprendizagem e o uso da língua, que vem a somar a alfabetização, termo clássico, a mais profunda atribuição para esse vocábulo a escola de hoje. O termo se originou de uma versão feita da palavra da língua inglesa “literacy”, com a representação etimológica de estado, condição, ou qualidade de ser *literate*, e *literate* é definido como educado, especialmente para ler e escrever. A oferta do ensino de leitura e escrita perpassa a escola, e esta, por sua vez, explora um paralelo entre o espaço de alfabetização escolar e a alfabetização de um mundo, aquele trazido pela criança.

Segundo Angela Kleiman, o processo de Letramento é constituído por “[...] práticas e eventos relacionados ao uso, função e impacto da escrita na sociedade”.⁴⁰ Para isso é necessário perceber novas possibilidades de efetivação de um ensino que contextualize e (re) signifique as práticas de leitura e escrita.

Brian Street considera que há dois modelos para as concepções de Letramento e que permeiam as práticas escolares no uso da escrita: o modelo autônomo e o modelo ideológico.⁴¹ O modelo autônomo identifica letramento como alfabetização, considerando-o como um processo de competência individual de aquisição da escrita. É vista como um produto independente de qualquer contexto social ou histórico. Tem o agravante de atribuir ao individuo o fracasso e a responsabilidade de sua “insuficiência” frente à sociedade tecnológica, por pertencer ao grupo de pobres e menos favorecidos.

³⁹ KATO, A. Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ático, 1986. p. 25.

⁴⁰ KLEIMAN, 1995, p. 3.

⁴¹ STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: University Press, 1984. p. 7-8.

Segundo Tfouni, este modelo defende a escrita e a oralidade, ao relatar distinções entre sociedade moderna e sociedade primitiva, letramento e não letrado. Essas distinções permeiam o próprio interior das sociedades letradas, separando seus indivíduos em “os que sabem” e “os que não sabem” ler e escrever.⁴² A língua oral seria uma forma “menor” de expressão, mais primitiva, limitada em seus recursos formais de comunicação, inferior a instrumento de precisão e de poder, pois sua representação sonora apresenta uma não-permanência e é mais espontânea.

O modelo ideológico, descrito por Street, considera que as práticas do letramento são aspectos não apenas da cultura mas também das estruturas de poder de uma sociedade, e que a aquisição da escrita na escola está inserida num contexto de estruturas culturais e de poder, as quais, implicitamente, explicam a valorização da escrita e da alfabetização, quer dizer, as práticas letradas são determinadas pelos contextos sociais de cada época.⁴³

Soares destaca algumas dimensões de letramento em suas pesquisas, dentre elas uma se refere à dimensão social do letramento, e a outra se refere à dimensão individual.⁴⁴ A dimensão individual e a dimensão social envolvem tanto a escrita, quanto a leitura. Sob a perspectiva da leitura, podem ocorrer desde a decodificação da palavra escrita, isto é, na internalização de padrões regulares de correspondência entre som e soletração, até a leitura com capacidade de sonorização como: antecipação, inferência e verificação. Já na escrita, inclui também capacidades linguísticas e psicológicas que vão desde “registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial”.⁴⁵

Na sua dimensão social, o letramento é compreendido como o uso que as pessoas fazem das suas capacidades de leitura e escrita dentro do contexto específico que, segundo Soares, estaria ligado ao conjunto de práticas sociais que os indivíduos desenvolvem no seu contexto.⁴⁶ Freire e Donaldo afirmam que na verdade, o domínio da escrita, mesmo para crianças em idade escolar, de

⁴² TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 35.

⁴³ STREET, 1984, p. 12.

⁴⁴ SOARES, 2001, p. 18.

⁴⁵ SOARES, 2001, p. 72.

⁴⁶ SOARES, 2001, p. 72.

alfabetização, pressupõe uma experiência social que precede a leitura da palavra, o que seria a leitura do mundo.⁴⁷

2.1 Alfabetização Bilíngue

As formas de educar são muitas, e a organização de cada grupo ou de forma individual terá consequências na compreensão do aluno, e na forma como esta será estruturada ou pretendida, desenvolvendo assim, a sua própria identidade frente à realidade imposta ao mesmo.

Para o professor alfabetizador bilíngue esta realidade está inserida em seu contexto diário. Dentre as inúmeras funções que uma professora desempenha, como mencionado no capítulo anterior, estão o ser mãe, profissional, namorada. Esta é apenas uma comparação da vida particular. Ela no seu dia a dia precisa saber conciliar várias funções ao mesmo tempo. Enquanto como educadora ela também procura conciliar a sua didática de alfabetização em outro idioma perante vários alunos oriundos de realidades diversas, como família, bairro e condições sociais.

Quanto a estas crianças, a bagagem cultural e social do seu contexto, o professor poderá explorar, para que estas contextualizem seu aprendizado em sala de aula tendo como referência o ambiente da sua comunidade.

Para Luís Carlos Travaglia:

Todos sabem que existe um grande número de variedades linguísticas, mas ao mesmo tempo que se reconhece a variação linguística como um fato, observa-se que na nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, as vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errados [...].⁴⁸

Fazendo uma análise e colocando algumas informações, nesta variedade de alunos, tanto em relação social e cultural, a quantidade em sala de aula, as variações linguísticas, característica própria da língua materna proporciona diferentes sons ou sotaques, expressões regionais, usadas tipicamente em determinada região, vai cada vez mais oferecendo oportunidades para falarmos em outro idioma, no caso em estudo, a língua inglesa.

⁴⁷ FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 49.

⁴⁸ TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 41.

Para a linguística estas variações ligadas ao aspecto social e cultural, já estão codificadas nos falantes e manifestam-se através de dialetos, do falar regional e na forma de falar própria da língua de um país.

No estudo bilíngue não se pode iniciar uma alfabetização destinada a alunos de seis anos, buscando referências ao país do próprio idioma (LI). Estas referências devem partir da realidade do aluno, para que eles possam fazer uma melhor assimilação entre desenho-fala-escrita.

Como estes alunos ainda não sabem escrever busca-se o recurso no desenho representativo, usando música, dramatização, dança, etc. Destacando a fala (pronúncia) daquele momento. Piaget descreve que as crianças na fase da alfabetização:

Seu pensamento sendo menos egocêntrico ela pode descentrar suas percepções, bem como acompanhar as suas transformações. Neste estágio, quando um conflito entre a percepção e o raciocínio aparece, a criança recorre ao uso do raciocínio para fazer os seus julgamentos.⁴⁹

Por isso a importância do trabalho dinâmico em grupos, com possibilidades para o aluno buscar subsídio no seu espaço social cultural, trazendo para a sala de aula e podendo compartilhar com seu grupo de convivência uma nova comunicação aprendida na escola.

Logo depois da representação desenho-fala parte-se para a escrita, dando ênfase para a diferenciação entre ela e a fala. Como menciona Piaget na frase citada acima, nesta fase quando a criança se depara com uma dificuldade ela recorre ao raciocínio, começando os questionamentos a respeito desta diferença entre escrita e fala.

O conflito estabelecido para a criança é uma realização para o professor alfabetizador, pois neste momento poderá apresentar os argumentos dos diversos sotaques, dialetos e formas de comunicação.

O professor alfabetizador bilíngue que se dispõe a oferecer uma educação diferenciada deve seguir uma linha educacional concreta, construída juntamente com os demais educadores, partindo da realidade do aluno e da escola, juntamente com todos que fazem parte dela, seja educadores ou funcionários, para atender os

⁴⁹ PIAGET, 1977, p. 105.

requisitos do meio e trabalhar de forma interdisciplinar com o professor titular da turma, sendo este o que passa maior parte do tempo com os alunos. O papel do professor alfabetizador bilíngüe é trabalhar com os seus alunos de forma dinâmica e alternada em sua metodologia, de ensino, trazendo opções de comunicação oral e escrita de forma que este momento se torne significativo descontraído e acima de tudo que estes alunos possam se sentir em perfeita conexão entre escola e a comunidade da sua vivência podendo dessa forma realizar uma comunicação partindo do seu ambiente de vivencia e podendo estar também em comunicação com a outra parte do mundo. Estas vivências tendo início através das atividades desenvolvidas em sala de aula, para mais tarde terem a possibilidade de inserções através da tela da televisão, do computador ou até mesmo em falas com os colegas a comunicação em outro idioma, possam estar presente de forma espontânea e significativa para o aluno.

Na medida em que o professor bilíngüe definir seu modelo de planejamento e aplicação deste, deve ter sustentação no Regimento Escolar e no Plano Político Pedagógico (PPP), bem como no plano de trabalho.

Esta opção pela construção da proposta bilíngüe, resultantes da ação conjunta da equipe da escola e do planejamento do grande grupo, deve respaldar a postura pedagógica e burocrática dos requisitos da Educação Básica, sendo um deles o demonstrativo curricular e Plano de Estudos. Importante ressaltar que as decisões deverão ser compartilhadas, mas sempre mantendo a firmeza com flexibilidade conforme a situação e as diretrizes educacionais.

Cabe destacar neste momento que dificuldades serão encontradas pela escola e pelo aluno. O aluno advindo de outra escola em que este método de alfabetização bilíngüe não está sendo aplicado deverá passar por um processo de familiarização. Esta situação merece todo cuidado por parte do educador para que a criança não se sinta intimidada perante os colegas e a sua aprendizagem não fique prejudicada. Para Piaget “[...] não é perder seu tempo deixar a criança adquirir por si própria o hábito do trabalho e da disciplina interior. No domínio moral como no campo intelectual só possuímos realmente o que conquistamos por nós próprios”.⁵⁰ O tempo para adaptação varia de criança para criança, mas o interesse quase sempre é imediato.

⁵⁰ PIAGET, 1977, p. 317.

2.2 O papel do educador na perspectiva da Alfabetização Bilíngue

Segundo Freire, educador que dispõe a exercer o papel de “professor-letrador” considera que:

[...] O ato de educar não é uma doação de conhecimento do professor ao educando, nem transmissão de idéias, mesmo que estas sejam consideradas muito boas. Ao contrario, é uma contribuição “no processo de humanização”. Processo este de fundamental papel no exercício de educador que acredita na construção de saberes e de conhecimentos para o desenvolvimento humano, e que para isso se torna um instrumento de cooperação para o crescimento de seus educandos, levando-os a criar seus próprios conceitos e conhecimentos.⁵¹

O professor que se dispõe a alfabetizar na modalidade da escola que adotar o método de alfabetização bilíngue deverá quebrar os paradigmas adquiridos na sua formação acadêmica, tentando buscar uma metodologia significativa para um público muito dinâmico e, não querendo um ensino de forma estática, oferecido anos atrás. Atualmente estão sendo oferecidas as várias oportunidades para que o educador possa aprimorar sua didática, conforme o tempo passa e a concepção de ensino-aprendizagem muda. Mesmo com tantas ofertas, muitos ainda não saíram do comodismo ou simplesmente não reconhecem que o educador deve buscar novos conhecimentos para o seu próprio aprendizado de forma contínua.

Segundo Soares, “alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e escrita”.⁵² Para elucidar este processo de aquisição da língua escrita na forma bilíngue (Inglês em análise), considera-se que as práticas e as intervenções do professor alfabetizador são importantes na formação do sujeito na Educação Básica.

Professor e aluno devem estar interligados, sendo um educador dinâmico, trazer algo significativo, uma história infantil, trabalhar com a nomenclatura de um dos personagens, a dramatização usando a expressão corporal, uma música, enfim, a inserção do professor com o tema.

Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor

⁵¹ FREIRE *apud* PEIXOTO, Cynthia Santuchi *et al.* *Letramento: você pratica?* Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno09-06.html>> Acesso em: 30 out. 2011.

⁵² SOARES, 2001, p. 25.

envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também.⁵³

Aprender se aprende todos os dias e momentos, mas tornar esses momentos produtivos é um desafio e também uma conquista para aluno e professor.

De certa forma, é preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de destinatário de textos escritos e a falta de habilidades temporária para ler automaticamente é que reside a possibilidade de, com ajuda dos já leitores, aprender a ler pela prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é necessário que o aluno ponha em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe, portanto, uma situação de aprendizagem. Essa circunstância requer do aluno uma atividade reflexiva que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões apresentadas pelos textos. Essa atividade só poderá ser realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, agrupar seus alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem, sobretudo em classes numerosas nas quais não é possível atender a todos os alunos da mesma forma e ao mesmo tempo a heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem explorada, desempenha a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da turma.⁵⁴

Durante as fases de desenvolvimento da criança, ela apresenta momentos de conflito com ela mesma, buscando justificativas para tudo. Em relação à forma de falar e escrever é tipicamente encontrada na classe de alfabetização com os alunos de seis anos, em querer saber os porquês de como se escreve de uma forma e se fala de outra. Nesta fase é muito importante respeitar os seus questionamentos e a sua escrita sem haver cobranças até mesmo porque se está falando, ou repetindo os vocábulos corretamente, conseguindo identificar o símbolo (imagem), e alguns códigos (palavras em inglês), está havendo troca de comunicação e aprendizado também. É importante ressaltar que em qualquer atividade, a intervenção do professor é essencial, seja na fala ou na escrita, pois é a intervenção que leva os alunos a reflexão, memorização e avanço.

E de acordo com a atividade se faz as variações, iniciando com a escrita: alfabético (escrita) pré-silábico (redator) ou silábico-alfabético/alfabético em que compartilhem a função da escrita. As propostas de escritas mais produtivas são as

⁵³ BRASIL, 2011, p. 58.

⁵⁴ BRASIL, 2011, p. 56.

que permitem aos alunos monitorarem sua própria produção, ao menos parcialmente.⁵⁵

Embora não leiam de forma convencional, os alunos se utilizam de critérios para encontrar as palavras, como, por exemplo, identificando com que letra começa e/ou termina determinada palavra, o desempenho que corresponde, o som ouvido na repetição dos vocábulos pelo professor ou CD e, outros recursos até mesmo os trazidos de sua casa pelo aluno, como letra que inicia o nome da mãe, uma fruta que goste, um brinquedo preferido, o lanche do dia na escola, dentre outros exemplos de seu meio. E, depois de concluída a ordenação, faz-se a leitura ou o ajuste de leitura, finalizando com a pronúncia e a escrita de uma palavra (vocabulário), e a sua representação visual através de desenho, dramatização, dança e se for alimento a importância deste para o seu crescimento.

⁵⁵ BRASIL, 2011, p. 84.

3 COMPUTADOR E O PROCESSO DE MUDANÇA NA ALFABETIZAÇÃO: O USO DO COMPUTADOR NA ESCOLA COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

As estruturas metodológicas, e em seus diversos segmentos, como neste caso, as estruturas metodológicas educativas, surgem cada vez que a sociedade apresenta uma nova necessidade em seu meio. Neste sentido elas não são consideradas prejudiciais ou benéficas somente a um determinado grupo, elas aparecem de forma necessária para melhor atender o seu público geral.

O processo de aquisição do conhecimento assume um papel de destaque exigindo como formação um profissional crítico reflexivo, com capacidade de pensar, para que possa oferecer algo novo e benéfico sem estar realizando cópia de tudo e todas, deixando de lado sua própria identidade.

A escola é uma grande responsável em oferecer uma educação desde os primeiros anos escolares, baseada não somente na pessoa do professor como um transmissor de conhecimentos ao aluno, mas como um mediador na construção do conhecimento pelo próprio aluno e no desenvolvimento de novas competências no aprendizado destes alunos.

A introdução do computador na escola apresenta uma das inúmeras tentativas de repensar a educação bem como os seus métodos de aprendizagem. A utilização dessa máquina na educação não significa, necessariamente, o repensar da educação. O computador como meio de passar a informação ao aluno, sendo ela de diferentes formas, através de jogos ou simplesmente formação de palavras, se não apresentar uma proposta pedagógica, a informatização e o ensino tradicional acabam tendo o mesmo resultado.

Por outro lado, a informática na educação apresenta recursos importantes para auxiliar o processo de mudança na escola, na sala de aula e até mesmo no próprio professor. O termo “Informática na Educação” tem assumido diversos significados dependendo da visão educacional e da condição pedagógica em que o computador é utilizado. Significa a inserção do computador como mais uma opção didática no processo de aprendizagem dos conteúdos curriculares de todos os níveis e modalidades da educação.

O professor, por sua vez, deve ter conhecimento a respeito do manuseio da máquina e ser capaz de alternar adequadamente as atividades de ensino-aprendizagem para cada faixa etária de seus alunos.

O computador ainda pode ser usado como máquina de ensinar. Usado como idioma diferente no caso o Inglês, em linguagens encontradas em jogos pedagógicos, repetição de palavras, ou em canções. O uso do computador como máquina para ensinar consiste na informatização dos métodos de ensino tradicionais. Essa é mais uma alternativa para os educadores no ensino de um novo idioma. Tanto que as matérias de Língua Inglesa são difíceis de encontrar em escolas públicas municipais, enquanto que a máquina está disponível e sem custo. Do ponto de vista pedagógico esse é o paradigma instrucionalista, sendo um modo de ensino de forma significativa para o professor e aluno. Este processo de ensino pode auxiliar até mesmo de forma indireta na tarefa de correções, no som de palavras, bem como em jogos com a palavra “PLAY”, “START” ou em letras de músicas.

Neste momento destaca-se um paradigma sociocultural e pedagógico. O uso do computador tem sido caracterizado como construtivista no sentido piagetiano, ou seja, a construção do conhecimento na “cabeça” do aluno, comparando conhecimento com a construção de uma parede, onde tijolos são ajustados e sobrepostos. Aos poucos o uso do computador como mais uma alternativa no processo didático facilitará a aprendizagem em sala de aula.

Papert na tentativa de evitar análises contraditórias em relação ao uso do computador na educação, denominou de construcionalista a abordagem pela qual a aprendizagem constrói, por intermédio do computador, o seu próprio conhecimento. Ele usou este termo para denominar outro nível de construção de conhecimento: a construção do conhecimento quando o aluno constrói um objeto de seu interesse. Na noção de construtivismo para Papert, existem duas ideias que contribuem para que este tipo de construção do conhecimento seja diferente do construtivismo de Piaget. Primeiro o aprendiz constrói alguma coisa, segundo o aprendiz está construindo algo do seu interesse e para o qual ele está motivado. O envolvimento afetivo torna a aprendizagem mais significativa.⁵⁶

⁵⁶ PAPERT, Seymour. *Logo: computadores e educação*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 129.

A contribuição para a construção do conhecimento é a interação da máquina com o aluno, fato no qual o aprendiz está buscando algo novo. E deixar o preconceito atingir o envolvimento do computador e o aprendiz em consolidar uma parede, porta ou muro, desde que o comando responda de forma significativa para a pergunta.

A interação aluno-computador precisa ter na escola um acompanhamento de um professor, conhecedor no mínimo parcial da máquina em uso como objeto de aprendizagem. Este professor deverá manter e aperfeiçoar a prática pedagógica e buscar informatizar os novos processos de ensino que já existem. Esta implantação do professor com treinamentos nas técnicas de uso de cada software acaba sendo mais uma alternativa dinâmica de ensino a ser adotada pela escola. Este profissional terá, no mínimo, graduação em Informática Educativa ou uma formação em curso técnico de informática para se ter o mínimo de domínio no uso da máquina, e assim poderá proporcionar aos seus alunos uma aula diferenciada em termos de pesquisa, jogos eletrônicos com exploração nas palavras de língua inglesa, letras de música, e a sonoridade de novos vocábulos.

A mudança na escola envolve muito mais do que formar o professor, além disso, outros fatores são desencadeadores de mudanças na comunidade escolar como um todo. A forma como o currículo afeta o desempenho do professor, a maneira como os gestores interferem, a participação dos pais tanto na escola como em casa na vida familiar, de seus filhos e nossos alunos. Todos estes fatores que fazem parte da vida escolar precisam ser capazes de superar as críticas minuciosas e ultrapassadas, podendo oferecer uma concepção interdisciplinar voltada para o desenvolvimento de projetos específicos de interesse dos alunos e da comunidade. Além disso, a escola deve criar condições para que o aluno saiba recontextualizar o aprendizado com a sua realidade cotidiana.

Os desafios na implementação do uso do computador como ferramenta de ensino na escola com o objetivo de mudança educacional é enorme, mas se não correremos o risco de enfrentarmos a rejeição dos pais, dos gestores da escola e até mesmo do próprio professor não saberemos o resultado de todo um processo educacional pensado e analisado pela comunidade escolar, com respaldo burocrático educacional, daquela escola.

3.1 Nativos digitais

Com o passar do tempo surgem vocábulos falados popularmente, alguns passam, outros permanecem, adquirindo espaço e significado no dicionário. Hoje é comum ouvirmos falar em cibercultura ou sociedade da informação, tendo o computador como o seu principal representante ou até criador dessa nova cultura. Depois de alguns anos surgiram os denominados meios de comunicação de massa que passam a exercer mais força na população de modo geral.

Nos últimos anos as crianças nascem numa época na qual as tecnologias fazem parte do cotidiano. As escolas de educação infantil são diferentes daquelas da geração de seus pais e desafiam os educadores no uso e manuseio de certos equipamentos tecnológicos. Segundo Ramon Cosenza: “A coordenação visomotora também alterou, pois os jovens manipulam tais aparelhos desde cedo e tornam-se muito hábeis no uso de teclados de computadores e celulares”.⁵⁷

Os movimentos ágeis e manuseio desses equipamentos fazem a criança prender a atenção e se tornar mais ágil, podendo fazer várias coisas ao mesmo tempo e, conseqüentemente se tornar um adulto inquieto. Com isso tem a impressão de que podem fazer muitas coisas ao mesmo tempo e de forma competente. Na verdade muitas informações são perdidas ou processadas de maneira superficial, prejudicando a aprendizagem. Ainda para Cosenza o uso das ferramentas tecnológicas acaba tendo uma adaptação muito rápida na vida de jovens e crianças.

[...] Estão imersos no grande aparato tecnológico desde cedo, estão familiarizados e sentem-se a vontade para obter a informação por meio desses aparelhos eletrônicos, que são além disso uma fonte inesgotável de conhecimento. Portanto, seria insensato tentar ignorá-los. Ao contrário, podem e devem ser utilizados, mesmo porque sabemos que os ambientes mais ricos, com maior capacidade de estimulação, levam a cérebros com maior abundância de conexões e com maior capacidade de processamentos das informações. Também devemos levar em conta que o nosso cérebro é um dispositivo biológico que foi desenvolvido, ao longo da evolução animal, para interagir com o ambiente de modo a permitir a preservação do indivíduo e a continuidade da espécie. Portanto, nosso cérebro esta sempre disposto a apreender do ambiente os estímulos que

⁵⁷ COSENZA, Ramon M. *Para atender os nativos digitais*. Revista *Pátio*: educação infantil, Porto Alegre, Ano IX, n. 28, 2011. Disponível em: <http://www.revistapatio.com.br/numeros_antteriores_conteudo.aspx?id=332> Acesso em: 23 set. 2011. p. 16.

ele julga significativos, pois isso é importante para a sobrevivência, mas seleciona somente aquilo que lhe parece significativo ou agradável.⁵⁸

Em função do uso do computador, principalmente interligado à internet, tornou-se indispensável o aprendizado dessa tecnologia, que se mostra cada vez mais em diferentes espaços em casa e na escola, tendo a escola, em especial o professor, uma responsabilidade muito significativa na vida das crianças e jovens frente a esta realidade. Sem a pessoa do professor a escola não tem sensibilidade, diálogo e vontade de querer mudança, pois os computadores são ferramentas desprovidas de tais características humanas. Para Michel Dertouzo, é tarefa também do professor acender uma chama no coração do aluno, cultivá-la a ser um exemplo a ser seguido.⁵⁹

Segundo Cosenza, em relação ao uso da informação para potencializar as aprendizagens:

[...] Se quisermos ensinar novos conteúdos, habilidades ou informações, teremos de ajudar o cérebro a reconhecer que elas são importantes ou agradáveis e que se inserem no contexto do que já é conhecido. Então, faz sentido utilizar os instrumentos que integram o universo em que os jovens estão inseridos [...] é bom que se imponham limites a utilização da parafernália digital.⁶⁰

É necessário que a tecnologia e a escola andem juntas em parceria. Não basta somente colocar a criança dentro da sala de aula, mas dar subsídios, Zwierewicz acrescenta que a “escola é aquela capaz de oferecer uma educação de qualidade a todo o discente independente de suas circunstâncias sociais, culturais, físicas e cognitivas”.⁶¹

⁵⁸ COSENZA, 2011, p. 17.

⁵⁹ DERTOUZO, Michel. *A revolução inacabada*. São Paulo: Futura, 2002. p. 144.

⁶⁰ COSENZA, 2011, p. 17.

⁶¹ ZWIEREWICZ, Marlene; VALLEJO, Antonio Pantoja (Orgs.). *Sociedade da Informação, Educação e inclusão digital*. Florianópolis: Insular, 2007. p. 144.

4 REFLETINDO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NA PERSPECTIVA BILÍNGUE

Alguns autores abordam reflexões a respeito do papel do professor alfabetizador, afirmando que o docente deve compreender e interpretar a realidade do seu aluno e, neste conjunto de condicionantes sociais, construir sua própria prática pedagógica, assumindo uma postura política diante de seu trabalho dentro da sociedade escolar, destacando pronúncia, escrita e compreensão, usando-as em seu contexto de vida como sinônimo de mudança na realidade em que o aluno está inserido.

O professor alfabetizador bilíngue poderá proporcionar em sala de aula, um ambiente de aprendizagem em que, a criança de seis anos passe a ter oportunidade de se expressar, interagindo com professor e colegas.

A experiência da alfabetização bilíngue deve ser proporcionada através de jogos, dinâmicos e pedagógicos, músicas infantis, brincadeiras, trazidas de forma significativa e satisfatória.

A aprendizagem da fala e da escrita deve ser destaque para o discurso da criança, e este deve ser escrito como resultado da reflexão de momentos ou acontecimentos que fazem parte da vida do aluno, sendo uma aprendizagem carregada de sentido e, dessa forma, o professor contribuirá e fará com que a escola deixe sua forma padrão de alfabetizar e passe a preparar os alunos, de maneira que os levem a unir pensamento, comportamento, linguagem escrita e falada fazendo-os descobrir novidades para a sua vida e passando a usá-las no seu cotidiano.

A escola, na pessoa do professor, tende a auxiliar a criança a ampliar o universo de seus conhecimentos e, quando não sabem explicar o que fizeram nas suas tentativas de aprendizagens, e o que precisam fazer para alcançar a verdadeira aprendizagem, o professor deverá assumir o papel da criança em sua forma de aprender tratando de uma compreensão, a qual contribuirá para que a realidade mude através destas oportunidades.

Sobre as formas de proporcionar a aprendizagem ao aluno através do discurso, Soares apresenta seu conceito sobre aquisição da escrita e o papel do educador, quando afirma que:

Para a compreensão em vista de educador, a criança tem sua opinião, sugestão, contribuindo para as modificações no ambiente em que ela está inserida. Com análise neste aspecto a escola também poderá abrir espaço para que o aluno possa expressar sua opinião, aprenda a participar de um diálogo e construir uma filosofia de aprendizado em grupo.⁶²

Estes momentos favorecerão para que o mesmo não se sinta isolado, redimido ou alheio perante a problemática, conhecendo um pouco os colegas, bem como, ele próprio, e ambos como participantes ativos em sociedade.

Cabe ressaltar a importância de um ensino bilíngue, em que apareça como uma interlocução entre as disciplinas com os seus professores facilitadores desta aprendizagem. O professor que ensina uma língua estrangeira deve estar em harmonia com o de Artes, Educação Física e com o próprio titular de turma fazendo com que todos possam aderir ao mesmo projeto educativo. Todos envolvidos numa mesma proposta tende o aprendizado se tornar uma interação de ideias e o conhecimento não se torna fragmentado. Observa-se que:

A interdisciplinaridade no campo da ciência corresponde a necessidade de superar a visão fragmentada de produção do conhecimento, como também de articular e produzir coerência entre os múltiplos fragmentos que estão posto no acervo de conhecimento da humanidade. Trata-se de um esforço no sentido de promover a elaboração de sínteses que desenvolvam a contínua reposição da unida de as múltiplas representações da realidade.⁶³

Desta forma, percebe-se que o objetivo desta interação de disciplinas relaciona-se com a visão e o comportamento de mundo. Assim, busca-se compreender a realidade, e a partir dessa compreensão, construir um conhecimento dinâmico e significativo para o educando bem como para o educador.

4.1. A formação de um professor bilíngue

A formação de uma escola bilíngue hoje é quase uma necessidade, devido à grande exigência de pais e alunos, buscando o melhor ensino e aprendizagem. Esta exigência é percebida desde o primeiro ano do Ensino Fundamental da Educação Básica. Vista como mais uma possibilidade de ensino diferenciado. A alfabetização bilíngue promove o contato com todas as áreas de conhecimento no mesmo local de estudo, pois, além de um professor titular, terão mais um específico para o ensino de

⁶² SOARES, 2001, p. 29.

⁶³ LUCK, Gillieron C. *O desenvolvimento da Inteligência e a construção do pensamento racional*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 59.

um segundo idioma. Assim desde sua alfabetização do primeiro ano, terão não somente mais uma disciplina acrescida, mas sim um referencial de preparo para que, no futuro, estas crianças possivelmente estejam aptas para enfrentarem o mercado de trabalho, preparadas para este mundo globalizado, sendo que este conhecimento abriria muitas portas para o desenvolvimento delas.

A escolha de um idioma não significa somente apresentar aos educandos a cultura daquele país. O objetivo é fazer com que o ensino ultrapasse o ambiente da sala de aula, proporcionando uma comunicação diferente da língua materna. A preocupação do alfabetizador bilíngue consiste em trazer outra poção de comunicação, é instigar o aluno para que a direção da leitura e da escrita não se resume apenas ao caderno de aula. Esse aluno, desde a sua entrada na escola, possa se sentir em condições de trazer novas propostas visualizadas em tabelas de desenho animado escrita em outro idioma (L 1), a melodia da letra da sua música preferida, uma marca de roupa e sua tradução, a legenda de filme ou até mesmo a leitura no verso do pacote de bolacha para que mais tarde este aluno possa fazer correlação com as demais áreas do conhecimento. Só assim o ensino poderá caminhar tentando quebrar barreiras das quais o educador tem apenas a visão mais longínqua dos seus olhos até o livro didático.

Os alunos, independentemente da idade, têm o direito de terem educadores que pensem uma educação de qualidade independente da questão financeira recebida no final do mês. Para tanto, o professor alfabetizador bilíngue tem um papel muito significativo no tempo em que passa com seus alunos em sala de aula, em tentar formar sujeitos instigantes em conhecimento não fragmentado, como estão sendo divididas as disciplinas nas escolas, mas em tentar indicar possibilidades de se tornar um diferencial na sociedade.

Para melhor oferecer um aprendizado aos seus alunos, os professores estão buscando formação adequada para atender a necessidade da escola em sua área de atuação, como também uma formação continuada. Com esta formação estes docentes poderão buscar e oferecer estratégias de didáticas em sua aula, para melhor atender aos alunos, em especial na modalidade alfabetização bilíngue.

Esta opção de ensino para crianças, em processo de alfabetização, deve partir da familiarização do segundo idioma (L 2), em situações da língua materna e, de forma gradual, ao som dos novos vocábulos correspondentes à grafia, tanto na

grafia quanto na pronúncia. Este processo de alfabetização varia de criança para criança, sempre progredindo em seu próprio ritmo, nunca visto como regressão. Daí a importância da pessoa do professor alfabetizador bilíngue ser dinâmico, criativo, e motivacional como um grande aliado na sua proposta de aula.

Neste sentido, não basta apenas expor o novo idioma, o educador deve proporcionar oportunidades aos seus alunos para que façam parte desse uso em vários momentos do seu cotidiano. Como o professor deve ser dinâmico o aluno deve se conter em sua ansiedade em querer saber e saber como se fala tudo, em outro idioma, e chegam até mesmo a pensar que não vão conseguir aprender a falar ou escrever. Diante desta variedade de sensações, é importante o alfabetizador ressaltar o porquê em estudar o idioma (IL), e se tem alguém na sala de aula que já conhece algum vocábulo neste idioma, para que os demais alunos consigam perceber que a nova comunicação é possível e fácil e, ao mesmo tempo o professor parte das vivências do aluno. Nesta nova fase de aprendizagem os alunos precisam do apoio da família mesmo não tendo um conhecimento do idioma, pois é neste ambiente familiar que a criança começa a sua comunicação fora da sala de aula.

A escola que adotar tal modalidade deverá estar amparada na sua parte burocrática e pedagógica. O professor para ser bilíngue deve vir de uma graduação com especificidade no idioma para atuação, no caso Língua Inglesa e, que continue a participar de cursos de formação juntamente com os outros professores que possam estar inseridos neste contexto para que todos saibam o direcionamento da prática pedagógica, trabalhando de forma interdisciplinar. Mas para atuar na disciplina de Língua Inglesa é indispensável ser graduado no idioma escolhido pela base curricular da escola bilíngue.

Para atuar nesta escola, além de uma titulação definida na área de atuação, estes educadores devem participar de toda a construção da proposta pedagógica pela qual a escola optar, desde a escolha dos conteúdos a serem desenvolvidos durante o ano, visando o interesse e as necessidades de cada faixa etária, até a série em que irá atuar. Este trabalho deverá ter início no primeiro ano da Educação Básica, seguindo para os demais anos.

O ensino de uma segunda língua acontece de forma simultânea ao do professor alfabetizador da língua materna em sala de aula, mas em horários diferentes. Os professores de uma segunda língua também trabalham juntos,

buscando formação em simpósios, jornadas pedagógicas, dentre outras atividades de formação com o intuito de agregar conhecimento entre eles, como também com o alfabetizador bilíngue e o alfabetizador da língua materna, com o intuito de corrigir e aperfeiçoar o aprendizado Wilson Marques, afirma:

[...] Quando o professor assume a posição de correção, esta não deve ser realizada todas as vezes que o aluno cometer um erro, mas no momento oportuno com o intuito de ser um bom facilitador e ajuda-lo na busca por uma fluência.⁶⁴

Esta é uma ênfase significativa para o trabalho de formação de professores da língua em estudo (Língua Inglesa) e o professor alfabetizador da língua materna. Sendo que um completa o trabalho do outro, porque estes trabalham em horários diferentes com o aluno, mas devem planejar juntos e, quando surgirem questionamentos, o professor que estiver em sala de aula pode auxiliar a sanar a inquietude do aluno, ou encaminhar para o colega alfabetizador bilíngue e, este alfabetizador bilíngue responde o questionamento quando chegar à sala de aula, no próximo encontro ao da aula que ocorreu o fato.

Depois da ansiedade a curiosidade toma conta dos alunos em querer saber falar a todo o momento ou ensinar alguém a falar ou escrever independente do momento ou lugar. Escrever uma palavra em outro idioma não significa que a criança esteja alfabetizada em outro idioma. A alfabetização acontece na língua materna, mas a habilidade em escrever em outro idioma poderá vir de forma espontânea e simultânea ou até mesmo através da simples representação gráfica em forma de decoreba ou cópia da palavra representativa da imagem. Neste momento o professor alfabetizador bilíngue deverá buscar uma relação de imagem como algo mais próximo do aluno, o que a imagem facilitará o desempenho da escrita na língua materna, como também a associação da escrita no segundo idioma e a sua sonoridade.

Quando o professor alfabetizador bilíngue tiver esta percepção o aluno estará apto para diferenciar vocábulos na língua materna e na segunda língua. Torna-se comum, também, nesta fase a troca de letras na representação gráfica,

⁶⁴ MARQUES, Welisson. *Erro, tempo e correção em 12 breves reflexões em sala de aula*. Revista *Querubim*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 14, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/imagens/arquivos/publicacoes/zquerubim_14.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2012. p. 151.

mesmo que o som esteja sendo pronunciado corretamente. O educador bilíngue nesta etapa deverá considerar os erros gráficos e valorizar a sonoridade, uma vez que a criança está elaborando hipóteses a respeito da escrita e da fala no segundo idioma.

Por isso, a importância da função do professor alfabetizador bilíngue, deverá ter um cuidado todo especial para que não haja uma interrupção neste processo da aquisição de um segundo idioma, caso isso ocorra as consequências serão marcas eternas tanto na escrita como na fala da criança.

Os encontros com o professor alfabetizador bilíngue podem ser divididos em uma hora por semana ou duas horas semanais, conforme o horário estabelecido pelo demonstrativo curricular da escola. Este demonstrativo terá uma base comum, amparada por lei, e uma diversificada em que, com orientação e supervisão, pode-se desenvolver um trabalho diferente para que o conhecimento seja assimilado de forma gostosa e satisfatória, levando em consideração a realidade dos alunos para poder escolher os conteúdos a serem trabalhados. Para Flory e Souza,

[...] Num primeiro momento pode parecer simples. Porém, tal impressão se desfaz assim que refletimos mais demoradamente sobre o assunto. Bilinguismo, representa uma infinidade de quadros diferentes, os quais remetem a espera social, política, econômica, individual, a aceitação e valorização de cada uma das línguas faladas e das culturas com as quais se relacionam [...].⁶⁵

Isso remete todo o cuidado da equipe para analisar a seriedade em relação à vida dos educando, partindo de princípios e valores. Por isso a união da comunidade escolar desde a escolha dos professores, da elaboração do projeto político pedagógico da escola, a elaboração dos planos de estudo, até o plano de aula, entre outras coisas.

O planejamento para o encontro com o aluno será contínuo, em que o professor colocará em prática toda a teoria elaborada em conjunto com a equipe escolar. Logo terá como resultado o encontro da teoria com a prática no processo de ensino e de aprendizagem de uma segunda língua, no caso Língua Inglesa, pensando na sua inserção desde o ambiente escolar, na sua estrutura e, todos os

⁶⁵ FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. *Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações*. *Revista Intercâmbio*, v. XIX: 23-40, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2009. p. 6.

planejamentos legais e burocráticos. Todo esse processo deverá ser amparado em lei, em deveres e atribuições para o bom desempenho de cada um na escola, tanto na parte diretiva como na pedagógica, garantindo assim uma educação de qualidade e sendo esta escola um diferencial na comunidade e na vida de cada um.

4.2 Dois idiomas na mesma escola

Algumas cidades do nosso estado estão se deparando com uma realidade educacional talvez um pouco confusa para aquela localidade, com poucos habitantes, considerada cidade do interior, mas com um grande diferencial. E, na minha cidade do interior com poucos habitantes na sua grande maioria agricultores, dependentes do cultivo da erva mate para a sua sobrevivência. A vida pacata desses moradores foi contagiada pela velocidade dos meios de comunicação. Esta realidade inserida neste contexto mundial vai além da rapidez do crescimento da árvore da erva mate.

A escola também tem a sua contribuição, em ser um ambiente diversificado e deverá estar sempre atualizada na contribuição de ensino, logo estava participando desse momento desenfreado das redes de comunicação. Os educadores satisfeitos com os alunos em estarem com entusiasmo aproveitaram para tentar mudar o seu planejamento e estar mais próximo ainda da comunidade escolar.

Quem acredita em mudança significativa para o aluno está sempre querendo o novo e, buscando uma melhor qualificação para desenvolver novas propostas de ensino, dando ênfase para o aluno para a escola e para a própria cidade, sendo um referencial de propostas diferenciadas na área da educação.

Cada vez mais em reportagens se percebe o aumento de escolas em diferentes cidades gaúchas que estão oferecendo esta modalidade de alfabetização bilíngue. Este é um exemplo significativo e enaltecido, pois o paradigma de que as cidades do interior estão sempre atrasadas foi rompido, tornando-se hoje um fato totalmente equivocado. Com a globalização e as mudanças tecnológicas ocorridas em diferentes partes do mundo, principalmente após o surgimento da internet encurtam o distanciamento entre os países, entre as cidades e até mesmo entre as

peessoas. E, nesta troca de relações, o conhecimento acontece em velocidade além daquela imaginada pelos usuários da máquina ou dos meios de comunicação.

Esta revolução tecnológica afeta o mercado de trabalho, as famílias, a escola, os alunos e professores. Estes preocupados com a qualidade de ensino procuram oferecer no ambiente escolar um segundo idioma, não o tratando como mais como um referencial complementar em sala de aula, mas como um requisito básico desde os primeiros anos da Educação Básica, para que no futuro este requisito faça a diferença na vida estudantil e profissional.

A alfabetização bilíngue proporciona um aprendizado de um segundo idioma sem deixar de lado a língua materna. A alfabetização inicia de forma simultânea, sendo a bilíngue de forma mais dinâmica e com pouco grau de exigência, pois com o passar do tempo, o aluno aprende as diferenças de uma língua para outra em relação a letras e ao som. Com este tempo de dinamismo o próprio aluno será capaz de diferenciar e assimilar este processo sem que o professor alfabetizador use esta fala.

Devido a busca exigente pelo aprendizado de seus filhos, os pais querem o diferencial se tornando exigentes e questionadores em relação à instituição escolhida para a criança frequentar, pois o segundo idioma para os pais não é tratado como um objeto de estudo, uma disciplina a mais, mas é visto como uma forma de imersão em outras áreas de conhecimento de sala de aula, como também na relação do dia a dia, em casa, na rua, no controle ou até mesmo nas placas dos desenhos animados assistidos por eles nesta fase.

Os educadores frente a toda esta visão, e elaboração da proposta curricular da escola bilíngue deve ter todo o cuidado na supervalorização da identidade cultural do país estrangeiro.

Conhecer este país é importante tanto para o aluno como também para o professor, pois não dá para ensinar nenhuma língua sem a cultura relacionada, este é um aprendizado, desde a minha época de aluna na graduação, não podemos ensinar sem algo, sem ao menos conhecer um pouco o que o país estrangeiro tem a compartilhar de sua cultura, e não se esquecendo da valorização da nossa.

(Instituto de Psicologia da USP) [...] não é porque a alfabetização correu em inglês que a criança irá preferir a cultura norte-americana. Essa escolha está sujeita, entre outras coisas, aos valores que os jovencinhos percebem seus pais, amigos e educadores atribuírem às coisas do mundo.⁶⁶

Dessa forma, pais e responsáveis devem refletir a respeito da escolha da instituição de ensino de seus filhos e o que ela tem a oferecer para o crescimento sociocultural dessas crianças. Não importa em que lugar do mapa se está, qual a profissão que tem os pais, a casa que mora ou com quem mora, o importante é a valorização do conhecimento adquirido com educadores qualificados, desde os primeiros anos da Educação Básica. Na contribuição de Chomski, a gramática universal é uma habilidade que demonstramos em alguma parte de nosso cérebro que nos permite adquirir qualquer língua que formos expostos.⁶⁷

⁶⁶ BONATELLI, Circe. *A escola é bilingue, mas e a cultura?* Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2007/espaco83set/0comportamento.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

⁶⁷ CHOMSKI, Noam. *Lectures of Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem escolhe ser educador se depara com uma realidade contraditória entre teoria e prática, não sabe ao certo quais os métodos e didáticas a serem utilizados em sala de aula e muito menos o público que irá encontrar. Com o tempo é necessário procurar entender a realidade e os anseios da comunidade em que está convivendo. Assim o docente deve fazer uma reflexão crítica da sua prática educativa e buscar conhecimentos para que a sua metodologia fique fortalecida frente ao público que nos espera todos os dias com muitos questionamentos e com um dinamismo desenfreado.

Ao falar em alfabetização a nossa mente nos remete à experiência de como fomos alfabetizados com quadro negro, giz, carteiras em fileiras e uma simples junção de símbolos que nem imaginávamos de onde e como apareciam. Hoje falar desse assunto é muito mais do que imaginamos, principalmente com crianças do Ensino Fundamental da Educação Básica.

Como educador devemos ter como obrigação não deixar nossos alunos sem um direcionamento para as suas indagações ou impulsioná-los para muitas outras, as quais servirão de incentivo para terem um posicionamento ou para a realização de seus sonhos.

A escola bilíngue surge da necessidade de inserção de comunicação e conhecimento desde o primeiro ano da Educação Básica no contexto de mundo globalizado. Trazendo para perto de toda a comunidade escolar uma comunicação possível a nível mundial no caso a Língua Inglesa. Fazer com que os professores sintam necessidade de querer buscar o novo, estar em contato com os fatos e acontecimentos, muito além da sua realidade. Planejar de forma significativa e prazerosa tanto para aluno como professor. Possibilitar uma reflexão da sua função como alfabetizador bilíngue, a qual não se restringe apenas a sala de aula, mas também em seus reflexos éticos e morais do convívio em sociedade.

Enfim, a globalização agindo de forma acelerada e com a ajuda dos meios de comunicação de massa, faz com que a educação esteja sempre em busca do novo, do concreto, do que nossos alunos estão buscando e o que nós, como educadores, podemos oferecer além do esperado por eles por isso a importância de

uma escola que ofereça esta nova modalidade de ensino sendo a alfabetização bilíngue, a qual surge como uma necessidade na sociedade globalizada, de estar em contato com as mudanças sociocultural em transformação no mundo, como também estar coerente com a realidade próxima da comunidade estudantil. Por isso, alfabetização bilíngue e letramento devem estar na mesma direção.

Ser educador não significa apenas ser, é preciso estar engajado na marcha em que o aluno também está, oferecendo-lhes a oportunidade de reflexão e valorização de cada um em suas diferenças individuais. O educador comprometido com a alfabetização busca uma melhor qualificação para a sua carreira profissional.

Diante da alfabetização bilíngue deverá ser repensada na sua aplicabilidade e clientela no âmbito da sala de aula frente à realidade de cada escola.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Afetividades na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

ARROYO, Miguel G. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. *Educação e Sociedade*, Campinas, CEDES, v./n. 68, p. 143-162, 1999.

_____. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

AZANHA, José Mário Pires. *Política e planos de educação no Brasil: alguns pontos para reflexão*. *Cad. Pesquisa* [online], n.85, p. 70, 1993. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n85/n85a08.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2011.

BONATELLI, Circe. *A escola é bilíngue, mas e a cultura?* Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2007/espaco83set/0comportamento.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino religioso*. 2. ed. São Paulo: AM Edições, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: 19 abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 1, p. 21-22, 1998.

CAGLIARI, L. Carlos. *Alfabetizando sem o Ba-Bé-Bi-Bó-Bu*. São Paulo: Scipione, 1998.

CHOMSKI, Noam. *Lectures of Government and Binding*. Dordrecht: Forris, 1981.

COSENZA, Ramon M. *Para atender os nativos digitais*. *Revista Pátio: educação infantil*, Porto Alegre, Ano IX, n. 28, 2011. Disponível em: <http://www.revistapatio.com.br/numeros_anteriores_conteudo.aspx?id=332> Acesso em: 23 set. 2011. p. 16.

CURY, Augusto. *Pais brilhantes, Professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAUNIS, Roberto. *Jovens, desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DERTOUZO, Michel. *A revolução inacabada*. São Paulo: Futura, 2002. p. 144.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. *Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações*. *Revista Intercâmbio*, v. XIX: 23-40, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KATO, A. Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ático, 1986.

KLEIMAN, Angela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCK, Gilliéron C. *O desenvolvimento da Inteligência e a construção do pensamento racional*. São Paulo: Cortez, 1995.

MANTÊNCIO, Maria de Lurdes Meirelles. *Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

MARQUES, Welisson. *Erro, tempo e correção em 12 breves reflexões em sala de aula*. *Revista Querubim*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 14, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/publicacoes/zquerubim_14.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

PAPERT, Seymour. *Logo: computadores e educação*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEIXOTO, Cynthia Santuchi *et al.* *Letramento: você pratica?* Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno09-06.html>> Acesso em: 30 out. 2011.

PIAGET, Jean. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Summus, 1977.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed., 11. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: University Press, 1984.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação*. São Paulo: Cortez, 1997.

TURRA, Clodia Maria Godoy *et al.* *Planejamento de Ensino e Avaliação*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N.; CIPOLLA-NETTO, José. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1993.

ZEICHNER, R.M. *A Formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

ZWIEREWICZ, Marlene; VALLEJO, Antonio Pantoja (Orgs.). *Sociedade da Informação, Educação e inclusão digital*. Florianópolis: Insular, 2007.